

O QUE DIZ CADA UM

Orestes Quércia

São Paulo — O governador eleito Orestes Quércia responsabilizou ontem os banqueiros internacionais e o governo autoritário pelos problemas que o País enfrenta hoje com a dívida externa, ao defender as novas medidas econômicas do Governo José Sarney de pedir a moratória.

Depois de procurar conversar, por telefone, com o Presidente, na tarde de quinta-feira, e conseguir falar com ele somente à noite, Quércia não se considerava afastado do centro decisório do Palácio do Planalto. Para ele, o apoio dos governadores eleitos ao presidente Sarney, neste momento em que decide a suspensão do pagamento de juros, é de grande importância "porque não existe maior legitimidade do que essa".

Quércia justificou seu apoio às novas medidas econômicas, apesar de ser contra a moratória, salientando que "o Governo não está decretando uma moratória unilateral, definitiva. Isso porque ele acredita que o Governo pediria moratória apenas por 90 dias: "Essa é uma necessidade que o Brasil tem hoje".

Durante discurso a 300 prefeitos no 30º Congresso Paulista de Municípios, Quércia culpou os banqueiros internacionais pelos problemas dos países em desenvolvimento com a dívida externa.

Delfim Netto

O ex-ministro Delfim Netto, avaliando a fala do Presidente, começou dizendo que todos brasileiros devem louvar a intenção anunciada por Sarney de fazer a menor dívida pública possível para tocar a máquina administrativa. O ex-ministro referia-se à segunda parte do discurso presidencial, a da contenção dos gastos públicos.

"Achei bom", disse Delfim, retificando em seguida: "Achei razoável".

Para Delfim, a fala representou "um avanço".

Ele explica: é a primeira vez que o Governo anuncia que vai dar a sua contribuição, dar a sua parte.

Segundo Delfim, o pronunciamento de Sarney foi um ato político.

"Na questão da suspensão do pagamento dos juros, o Presidente fez uma competente colocação política. Conseguiu uma próeza. Transformou uma realidade, a de que o País está quebrado, num ato de coragem.



Bresser Pereira

A suspensão do pagamento dos juros foi uma medida acertada, na opinião do secretário de Governo de São Paulo e economista

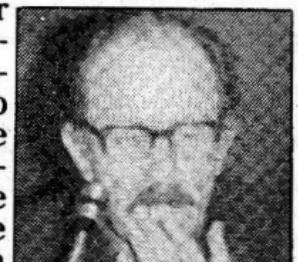


Luís Carlos Bresser Pereira. Segundo comentou depois do pronunciamento do Presidente, o Brasil precisava adotar uma posição afirmativa na negociação da dívida externa. "Estamos com problemas de redução de reservas, necessitamos de dinheiro novo para manter nosso desenvolvimento e, dada a pouca disposição dos credores de emprestar voluntariamente, a única saída era suspender os juros e negociar depois, já numa nova posição", sustentou.

Ele defende que o Brasil adote internamente uma política econômica austera. Bresser Pereira considerou que o presidente demonstrou que deseja alcançar um superávit comercial. "A suspensão do pagamento dos juros foi uma afirmação da soberania brasileira, mas a obtenção do superávit comercial elevado é condição para que a soberania se consolide", assinalou.

Paul Singer

O professor e economista Paul Singer, ligado ao PT, disse que o discurso de Sarney teve uma nota alegre: a revelação de que as reservas cambiais estão na casa dos 3,9 bilhões de dólares, quando havia uma série de informações de que esse número era muito mais baixo.



"Nessas condições, com reservas de quase 4 bilhões de dólares, o Governo terá algum respaldo para negociar a dívida", afirmou.

"Assim, o Governo parece ter agido no momento adequado", acrescentou.

Para o professor, a situação, no entanto, é preocupante. Tão preocupante que ele preferia um discurso mais alarmista, "para que a Nação se conscientizasse das dificuldades que temos pela frente".

A decisão de suspender o pagamento dos juros não surpreendeu Singer: "Era inevitável, nós tínhamos um problema confessado na área cambial".

O que surpreendeu foi a ênfase dada à questão da redução do déficit público. "O Governo vinha escondendo a gravidade desse problema, havia dito que o déficit estava sob controle. Agora sabemos que não estava".